

**O conhecimento como reconhecimento.  
Para uma “redução gnóstica”**

por José Guilherme Abreu

Resumo

... if we do discover a complete theory, it should in time be understandable in broad principle by everyone, not just a few scientists. Then we shall all, philosophers, scientists, and just ordinary people, be able to take part in the discussion of the question of why it is that we and the universe exist. If we find the answer to that, it would be the ultimate triumph of human reason - for then we would know the mind of God.

Stephen Hawking, 1988, *Brief History of Time*, p. 175.

A nossa comunicação concebe-se a partir da admissão prévia da possibilidade de realização do conhecimento, hipótese que nos parece legítima, na medida em que um cientista como Stephen Hawking não a recusa e até se mostra aberto a essa possibilidade.

Portanto, se a obtenção do conhecimento é possível, significa que o conhecimento não é um sujeito / objeto transcendente, mas que está ao alcance dos seres humanos, ou se pudermos admiti-lo, que é ao mesmo tempo o guia e a conclusão da vocação intencional do homem, ou seja, que constitui o sinal diferencial do homem.

Se tudo isso é admissível, o conhecimento é nosso companheiro. Ele está sempre aí, e o principal problema da sua realização seria saber como abordá-lo, ou o que fazer para ganhar o encontro com essa "divindade".

Contudo, se o conhecimento está sempre aí, por que razão o seu encontro é tão difícil, ou pelo menos tão raro e prodigioso?

A nossa hipótese é que qualquer problema de conhecimento é antes de mais uma questão de reconhecimento. Como podemos reconhecer sua presença? Como podemos distinguir o autêntico do falso? Quais são os sinais da presença do autêntico e como eles diferem dos sinais do falso?

Tomando a arte como exemplo, onde a discussão do problema do autêntico e do falso assume uma dimensão importante, queremos mostrar, segundo Heidegger, que o "pôr-em-obra-da-verdade é a essência da arte" (Heidegger, 1935:39), portanto, qualquer processo de criação artística comporta o estabelecimento do verdadeiro e, como esse processo opera pelo descartar do falso, dá-nos pistas para reconhecer os sinais de um, e os sinais do outro.

Dito isto, o processo de realização do conhecimento seria um processo genético, como o da arte, porém com um modo de funcionamento inverso, como tentaremos mostrar, partindo da hipótese de "redução gnóstica", que a partir da redução eidética - que opera a designação dos polos da ESU abelliana visa obter um "resíduo de conhecimento" de alcance mais do que individual ou intersubjetivo, portanto universal.